



www.observatoriodacritica.com.br

Resenha do livro “Tempo de pós-crítica” de Eneida Maria de Souza

Veredas & Cenários

Disponível em:

http://veredasecenarios.com.br/versao2008/index.php?option=com_content&task=view&id=30&Itemid=59

Acesso em 25 jan. 2010.

ENEIDA: A BELA CONSTRUÇÃO DE UM PENSAMENTO CRÍTICO

Por Antônio Sérgio Bueno

Ao ler *Tempo de pós-crítica*, de Eneida Maria de Souza, o que predomina entre os vários sentimentos que experimento é uma grande admiração por esta talentosa mestra, cuja trajetória acadêmica serve de irretocável modelo a quantos dedicam sua vida profissional ao ensino superior no Brasil.

Fui aluno apenas mediano de Eneida e Maria Luiza Ramos. Demorei a reconhecer a importância da teoria da literatura. Não era medo de teoria. Achava, com a auto-suficiência de muitos jovens, que bastava meu próprio olhar (desarmado) sobre o texto literário para que este se me revelasse. Ingênua vaidade. Mas a teoria da literatura sempre foi para mim apenas um “instrumento auxiliar” para leitura de textos literários.

Talvez tenha sido minha turma, na FALE - UFMG, no ano de 1966, a primeira que teve Eneida como professora. Este livro, originalmente *Memorial*, devolve-me a figura da jovem e bonita professora, que trazia na voz o exato equilíbrio entre delicadeza e firmeza. A inquietação que ela nos passava era puramente intelectual e me contagiou para sempre. Mas sua voz sempre me inspirou uma grande calma, uma sensação reconfortante de equilíbrio. A gente se sentia e se sente sempre muito bem em sua presença.

Quanto à sua brilhante trajetória intelectual, sei que não sou a pessoa mais indicada para comentar. É comovente ver Eneida fazendo justiça ao trabalho de Maria Luiza Ramos, que implantou

o ensino de teoria da literatura no Curso de Graduação em Letras. Na época, não me interessei muito pelos estudos estruturalistas, mas reconheço neles - e no trabalho de Eneida nos anos 1970 - “um antídoto contra o biografismo, a paráfrase e o impressionismo”, que dominavam os trabalhos de crítica literária na época. A análise que Eneida publicou em 1972, de “Construção”, de Chico Buarque, foi *divisor de águas*. Primeiramente, trouxe para o “espaço nobre” da Academia um produto da chamada “cultura popular”. Em segundo lugar, a desmontagem crítica da “Construção”, revelando-lhe uma estrutura em abismo, fez mais que chocar a “crítica jornalística” da época: mostrou que esse mergulho dessacralizador nas articulações internas de um “objeto estético” não o profana, antes ilumina-o e realça-lhe a própria beleza.

Aprofundando essa direção, Eneida realiza a magistral análise do romance *A barca dos homens*, de Autran Dourado. Os temas da viagem e do mito fazem com que a dissertação de mestrado da professora alcance não só o romance citado, mas toda a obra do romancista mineiro. Se a personagem Fortunato é a “micro-aranha”, que puxa o fio da narrativa, a analista é a “macro-aranha”, que enreda uma teia muito maior, desenovelando os discursos mítico, onírico e literário para dar conta da rede discursiva de Autran.

No prefácio deste *Tempo de pós-crítica*, Silviano Santiago anota que a emulação na pós-modernidade passa a se chamar *intertextualidade*. E é este conceito que funciona como “procedimento operatório” na elaboração do extraordinário *A pedra mágica do discurso*, no qual a autora investiga a “escrita de representação” ou de “Segunda mão” realizada por Mário de Andrade em *Macunaíma*. Desde o primeiro contato que tive com este livro de Eneida, encantei-me com a percepção que a autora teve das “pedras-palavras” como “pedras-coisas”. Para mim, aí está a chave do entendimento da linguagem poética. Por isso vejo em *Macunaíma*, além de muitos outros traços relevantes, um belíssimo poema em prosa.

Eneida trabalha também os folhetos de cordel, sugerindo uma nova classificação temática desse material. Vale lembrar sua visão do desafio como “gesto antropofágico” de mútua devoração entre os contendores.

Freqüentei seu extraordinário curso “Literatura Comparada e Tradução”, em 1985, na FALE. Foi nossa despedida intelectual.

Para meu pesar e prejuízo, os rumos da vida me afastaram da trajetória intelectual de Eneida. Sei de “O enigma em Édipo Rei”, apresentado em 1984, no “Primeiro Congresso Nacional de Estudos Clássicos”. Sei também de sua dedicação às relações entre a crítica literária e a cultura. Suas discordâncias de Kristeva e de Costa Lima. Seus namoros com a desconstrução derridiana e

psicanálise lacaniana. Sei ainda que Eneida tem se ocupado com a chamada “crítica biográfica”. Ela mesma diz: “Penso estar aproximando o texto da literatura de seu autor, a vida da ficção, a fantasia do real”. Aqui uma provocação à professora: Não estaria a minha querida Eneida fechando um círculo e reencontrando aquele pobre biografismo - que havia antes de toda a revolução que ela mesma ajudou a realizar - para reencontrá-lo transfigurado por toda a sofisticação e profundidade do próprio trabalho intelectual de Eneida?

Na entrevista anexa ao livro, realizada por Helton Gonçalves de Souza e Martha Lourenço Vieira, neste ano de 2007, vamos encontrar a mesma Eneida atenta aos problemas ligados à Literatura e à Cultura em geral: “não sei bem como, mas do jeito que ele (curso de letras) é estruturado, baseado numa formação que não condiz com os interesses e demandas do aluno do século XXI, deveria receber modificações”.

Eneida acaba de fechar duas edições críticas: de *Beira-mar*, de Pedro Nava, e da correspondência de Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade. Portanto, a minha querida professora continua seu luminoso caminho criador. O nosso reencontro neste *Tempo de pós-crítica* apenas confirma que, embora eu já não possa acompanhar seu trabalho intelectual, ela continua sendo minha mestra querida, uma adorável mulher que marcou para sempre meu trabalho profissional e minha vida pessoal.

BUENO, Antônio Sérgio. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, novembro de 2007, n. 1307, p. 14-15.

Antônio Sérgio Bueno, professor aposentado de Literatura Brasileira da UFMG, autor de *Vísceras da memória: uma leitura da obra de Pedro Nava* (Editora UFMG, 1994), atualmente é professor do Núcleo de Estudos Paidéia.